



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA**

Tiago Silva dos Santos

**Métodos de ensino de *kanji*: um estudo de caso de dois
professores universitários**

Brasília

2016

Tiago Silva dos Santos

Métodos de ensino de *kanji*: um estudo de caso de dois professores universitários

Trabalho de conclusão do curso apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Tanaka de Lira

Brasília

2016

Tiago Silva dos Santos

Métodos de ensino de *kanji*: um estudo de caso de dois professores universitários

Trabalho de conclusão do curso apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Tiago Silva dos Santos

Métodos de ensino de *kanji*: um estudo de caso de dois professores universitários

Banca examinadora

Orientador: Prof. Dr. Marcus Tanaka de Lira (UnB)

Prof. Dr. Yuki Mukai (UnB)

Prof. Gabriel de Oliveira Fernandes (UnB)

Agradecimento

Primeiramente eu agradeço a Deus por ter me dado força e condição para alcançar os meus objetivos.

Ao meu pai e à minha mãe por terem apoiado a minha loucura de começar esse curso e por não terem deixado que eu desistisse do curso mesmo passando por um momento difícil.

Ao meu irmão e à minha irmã por estarem ao meu lado nos momentos bons e difíceis. E aos meus amigos pelo tempo que passamos conversando sobre o futuro e o tempo que passamos brincando e conversando sobre nada e por suportarem as minhas loucuras.

Agradeço o prof. Dr. Marcus Tanaka de Lira por ter aceito o desafio de ser o meu orientador. Pelo ensinamento que me foi dado, pelas dúvidas que ele esclareceu e pela paciência que ele teve por um aluno que nem eu, principalmente neste semestre.

Agradeço a prof^a. Ma. Leda Breitenbach Barreiro pelas conversas que tivemos e pelos conselhos.

Agradeço também os participantes desta pesquisa que abriram as portas das suas salas e por terem cedido um tempo para responderem algumas perguntas.

**“Não tentes ser bem sucedido,
tenta antes ser um homem de
valor.”**

Albert Einstein

Resumo

Esta pesquisa trata dos métodos de ensino de *kanji* de professores de um curso de licenciatura de Língua e Literatura Japonesa de uma universidade pública do Distrito Federal. O objetivo é identificar os métodos de ensino de *kanji* que os professores utilizaram além das suas técnicas. O tema é justificado pela falta de estudos envolvendo o ensino de *kanji* no Brasil. Por se tratar de uma escrita diferente da utilizada no Brasil, que utiliza um sistema de escrita alfabético, o japonês utiliza um sistema misto de escrita composto por três tipos de sistemas de escrita (alfabético, silábico e logográfico) sendo um dos obstáculos encontrados pelos professores na hora de ensinar o *kanji*. O trabalho possui como base teórica o conceito de método trazido pelo Vilaça (2008), pelo Leffa (1988) e pelo Carravetta (1991), além de alguns exemplos de métodos de ensinamentos (LEFFA, 1988), (CESTARO, 1999). A pesquisa é de natureza qualitativa (LÜDKE e ANDRE, 1986), (Creswell, 2010). Neste trabalho foram utilizados instrumentos de coleta de dados como: observação direta e questionário (BARCELOS e ABRAHÃO, 2010). Os resultados mostram que os participantes têm ciência da importância do ensino do *kanji* e que as principais dificuldades encontradas no ensino de *kanji* têm relação ao aprendente. Neste trabalho também foi possível constatar a falta de métodos voltados ao ensino de *kanji*.

Palavras-chave: Sistema de escrita; *Kanji*; Método de ensino; Escrita; Língua japonesa

Abstract

This research deals with the methods of teaching kanji of teachers of a course of Japanese Language and Literature of a public university of the Federal District. The goal is to identify the methods of teaching kanji that teachers have used in addition to their techniques. The theme is justified by the lack of studies involving the teaching of kanji in Brazil. Because it is a different writing from the one used in Brazil, which uses an alphabetic writing system, Japanese uses a mixed writing system composed of three types of writing systems (alphabetic, syllabic and logographic) being one of the obstacles encountered by teachers when teaching the kanji. The work has as theoretical basis the concept of the method brought by Vilaça (2008), Leffa (1988) and Carravetta (1991), as well as some examples of teaching methods (LEFFA, 1988) (CESTARO, 1999). The research is qualitative in nature (LÜDKE and ANDRE, 1986), (Creswell, 2010). In this work, data collection instruments were used: direct observation and questionnaire (BARCELOS and ABRAHÃO, 2010). The results show that participants are aware of the importance of teaching kanji and that the main difficulties encountered in teaching kanji are related to the learner. In this work, it was also possible to verify the lack of methods related to the teaching of kanji.

Keywords: Writing system; Kanji; Teaching method; Writing; Japanese language

Lista de tabelas

Tabela 1: Formas de ideogramas através do tempo

Tabela 2: exemplos de *kanji* e sua leitura

Tabela 3: *Katakana*

Tabela 4: *Hiragana*

Tabela 5: Lista das disciplinas com o total de *kanji* a serem estudados durante o semestre no curso de Língua e Literatura Japonesa.

Lista de figuras

Figura 1: Método segundo Anthony

Figura 2: Método segundo Richards e Rodger

Sumário

1. Introdução	1
1.1 Objetivo	1
1.2 Objetivo específico	2
1.3 Perguntas	2
1.4 Organização do trabalho	2
2 Revisão bibliográfica.....	4
2.1 Escrita.....	4
2.1.1 Sistema de escrita	4
2.2 A escrita japonesa	5
2.2.1 <i>Kanji</i>	5
2.2.1.1 As Características dos <i>kanji</i>	10
2.2.1.2 A dificuldade dos ideogramas	12
2.2.2 <i>Katakana</i>	13
2.2.3 <i>Hiragana</i>	14
2.2.4 <i>Roumaji</i>	15
2.2.5 O sistema misto de escrita da língua japonesa	15
2.3 Métodos de Ensino	19
2.3.1 Teoria do Método de Edward Anthony.....	20
2.3.2 Teoria do Método de Richards e Rodgers.....	21
2.3.3 Método de ensino de língua estrangeira	22
2.3.3.1 Método audiolingual.....	22
2.3.3.2 Método comunicativo.....	23
2.4 Ensino da escrita japonesa como língua estrangeira	23
3 Metodologia.....	26
3.1 Método e natureza da pesquisa	26
3.2 Contexto da pesquisa	26
3.3 Participantes	28
3.4 Instrumentos de coleta de dados	28
3.5 Observação direta	28
3.6 Questionário	29
3.7 Processos para a coleta de dados.....	29
3.8 Procedimento de análise de dados.....	30
4 Análise e discussão de dados.....	31

4.1 Aula	31
4.2 Questionário	33
4.2.1 Método	33
4.2.2 O ensino de <i>kanji</i>	34
4.2.3 Livro e material didático.....	34
4.2.4Aula de <i>kanji</i>	35
4.2.5Idioma usado no ensino do <i>kanji</i>	36
4.2.6Novas tecnologias	36
5Conclusão.....	37
Bibliografia	39
Apêndice A	42
Apêndice B	43
Apêndice C	44
Apêndice D	46
Apêndice E	47
Apêndice F.....	48
Apêndice G.....	49
Apêndice H.....	50
Apêndice I.....	51
Apêndice J.....	53

1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os métodos de ensino de *kanji* dos professores do curso de licenciatura de Língua e Literatura Japonesa de uma universidade pública do Distrito Federal.

A motivação da escolha desse tema veio do interesse sobre o sistema de escrita japonesa em especial ao sistema de escrita logográfico, o *kanji*. Partindo da curiosidade de se analisar como o *kanji* é ensinado nas disciplinas práticas de um curso de licenciatura de Língua e Literatura Japonesa, por ser através destas disciplinas que os estudantes conhecem e tem contatos com métodos e técnicas de ensino que poderão usar quando se tornarem professores.

A escrita japonesa possui uma grande peculiaridade, comparada à escrita do português, por se tratar de uma escrita que utiliza três sistemas de escritas (alfabética, silábica e logográfico). Neste trabalho será analisado em especial o sistema de escrita logográfico (*kanji*). O *kanji* possui formas complexas além de possuir 2136 ideogramas utilizados diariamente. (OLIVEIRA, 2013)

As pesquisas sobre o ensino da escrita japonesa no Brasil são escassas bem como as pesquisas sobre o ensino de *kanji*. Esta pesquisa busca contribuir um pouco sobre esse tema.

A seguir será apresentado o objetivo geral e o objetivo específico, as perguntas que tentarei resolver no decorrer do trabalho além da organização do trabalho:

1.1 Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os métodos de ensino de *kanji* (ideogramas) dos professores de uma universidade pública do Distrito Federal nas aulas de prática analisando as vantagens e desvantagens e também as principais dificuldades desses métodos nas respectivas aulas.

1.2 Objetivo específico

- a) identificar as técnicas de ensino de *kanji* na universidade; e
- b) identificar a satisfação e insatisfação do professor sobre as técnicas usadas.

1.3 Perguntas

Com base nos objetivos específicos, tentaremos responder as perguntas abaixo:

- a) Quais são as técnicas de ensino de *kanji* utilizadas na universidade?;
- e
- b) Quais são as influencias e as principais dificuldades no ensino de *kanji*?

1.4 Organização do trabalho

O trabalho está dividido em cinco capítulos: introdução; capítulo teórico; capítulo metodológico; análise e discussão de dados; conclusão e alguns apêndices.

No capítulo teórico são dados um pequeno resumo sobre a escrita e os sistemas de escrita (LADO, 1971). Em seguida ocorre uma pequena discussão sobre a escrita japonesa partindo da origem do *kanji*, as suas dificuldades e as suas características, e seguindo sobre o *katakana* e o *hiragana* que são escritas derivadas do *kanji* além de falar um pouco sobre o *roumaji*. (SUZUKI, 1985) (OLIVEIRA, 2013); (OGASSAWARA, 2006); (FUKASAWA et al., 2001). E também é apresentado um pouco sobre o ensino da língua japonesa e da escrita japonesa. Ainda neste capítulo é apresentado um panorama sobre métodos de ensino de língua estrangeira. (VILAÇA, 2008); (LEFFA, 1988); (CARRAVETTA, 1991). E um pequeno resumo sobre alguns dos principais métodos de ensino de língua estrangeira (LEFFA, 1988); (CESTARO, 1999).

No capítulo metodológico é apresentada a base metodológica utilizada no trabalho: Método e natureza da pesquisa; Contexto da pesquisa;

Participantes; Instrumentos de coleta de dados; Processos para a coleta de dados; e Procedimento de análise de dados.

No capítulo de análise e discussão de dados são trazidos os dados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados além de uma análise sobre esses dados.

No último capítulo apresenta a conclusão sobre o trabalho.

No final no trabalho possuem também os apêndices contendo o termo de consentimento e a carta de solicitação, os questionários utilizados na pesquisa, além de algumas tabelas contendo alguns silabários especiais dos fonogramas *katakana* e *hiragana*.

2 Revisão bibliográfica

O objetivo desse capítulo é abordar sobre a fundamentação teórica utilizada neste trabalho. Este capítulo será dividido em quatro partes: a primeira parte será feita uma pequena síntese sobre a escrita, a sua origem e as suas principais características; a segunda parte será feito um resumo sobre a escrita japonesa, a sua origem e as suas principais características, com um foque nos ideogramas (*kanji*); a terceira parte tratará sobre os métodos de ensino; a quarta parte apresenta o ensino da escrita japonesa como língua estrangeira, comentado sobre as principais características e algumas dificuldades do ensino da escrita japonesa como língua estrangeira.

2.1 Escrita

A escrita foi criada a partir da necessidade do Homem em conservar as informações para comunicar, para si ou outrem, no tempo e no espaço longínquo. (LADO, 1971).

Segundo Bloomfield (1935 apud LADO, 1971, p. 128) "a escrita não é a língua, mas simplesmente uma maneira de registrar a língua por meio de marcas visíveis."

Conforme Fischer (2009, p. 14), a escrita deve satisfazer três requisitos:

- 1- Ter como objetivo a comunicação;
- 2- Consistir de marcações gráficas artificiais realizadas em uma superfície durável ou eletrônica; e
- 3- Utilizar marcas que se relacionem convencionalmente para organizar a fala ou uma comunicação eletrônica, de uma forma que a comunicação seja possível.

2.1.1 Sistema de escrita

O sistema de escrita é uma forma de se registrar a língua falada através de símbolos, mas o sistema de escrita não é tão simples como o McGuiness (2006 apud JOKO, 2014, p. 3 - 4) fala em seu livro:

[...] um sistema de escrita tem uma lógica central baseada em como a mente humana funciona, se não se compreende essa lógica, um sistema de escrita não pode ser ensinado de modo eficaz ou simplesmente não pode ser ensinado.

De acordo com o Lado (1971), podem ser classificados os principais sistemas de escritas do mundo de acordo com as unidades linguísticas que representam em três tipos que são:

- 1- Escrita alfabética: os símbolos representam fonemas de língua;
- 2- Escrita silábica: os símbolos representam sílabas; e
- 3- Escritalográfico: os símbolos representam palavras (ou morfemas).

Um dos exemplos mais famosos são os ideogramas chineses.

Esses três sistemas de escritas não representam graus de qualidades e muito menos são formas de evolução dos sistemas de escrita (LADO, 1971), para Diringer (1968 apud Fischer, 2009, p. 258) "São simplesmente diferentes formas que acomodam diferentes necessidades linguísticas e sociais quando elas surgem."

2.2 A escrita japonesa

O idioma japonês possui quatro tipos de grafias: a primeira é uma grafia ideográfica chinesa chamada de *kanji*, a segunda e a terceira grafias são silábicas chamadas de *hiragana* e de *katakana* onde essas duas grafias são derivadas da escrita ideográfica chinesa (*kanji*) e também o idioma japonês utiliza o *romaji* que são as letras romanas (SUZUKI, 1985). Cada uma dessas grafias será explicada logo abaixo nas próximas seções.

2.2.1 Kanji

Nesta seção será explicada sobre a origem da escrita japonesa além de descrever sobre as suas principais características. O *kanji* é uma grafia de origem chinesa que foi incorporada e adaptada à cultura japonesa durante séculos a seguir será contado um resumo sobre o *kanji* e a sua origem.

O registro mais antigo dos ideogramas chineses do qual se tem conhecimento, segundo Suzuki (1985, p. 53), é da época da dinastia Yin, em torno do século XIV a.C. Esses registros que foram encontrados haviam pictogramas escritos em cascos de tartaruga ou em ossos de animais. Presume-se que esses objetos eram utilizados para adivinhações e sortilégios. Ogassawara (2006), por sua vez, apresenta, em sua dissertação, que a existência dos ideogramas chineses data do século XV a.C., argumentando que possivelmente os ideogramas não foram criados por uma única pessoa,

mas por vários anos de idealizações e melhoramentos realizados por diversas pessoas em diferentes épocas e gerações.

Presume-se que os ideogramas chineses tenham sido criados cerca de 3300 anos atrás e no começo eram uma representação gráfica como animais e elementos da natureza (OLIVEIRA, 2013) para expressar algum significado.

Com a sua origem adveio da forma de pictogramas, os símbolos gráficos foram utilizados primeiramente em metais e pedras até em torno do século III a. C., quando passaram a aparecer as formas estilizadas, ou seja, as formas gráficas propriamente ditas (SUZUKI, 1985). No trabalho de Suzuki foram elencados os tipos de ideogramas (*kanji*) que serão dispostos logo abaixo:

1- *Shoukei* "figura" - representa pictoricamente elementos da natureza, objetos.

2- *Shiji* "indicação" - representa ideias abstratas através de figuras simbólicas ou por adição de pontos ou traços a ideogramas *shoukei*.

3- *Kaii* - originou-se a partir da combinação de dois ou mais ideogramas.

4- *Keisei* "conceito e som" - surgiu da conjugação de um ideograma que lhe deu a leitura e outro ideograma que lhe deu o conceito.

Em seguida, novos ideogramas nasceram por associação ou adaptação dos ideogramas existentes que estão dispostos logo abaixo:

1- *Tenchuu* - foram modificados o seu conceito original e foram adaptado a ideias aproximadas.

2- *Kasha(ku)* "empréstimo" - nasceram da adaptação de letras e símbolos e termos homófonos, mas com nenhuma ligação com conceitos ou ideias.

A tabela 1 a seguir, feita por Ogassawara (2006, p.36), ilustra de forma concisa a evolução do *kanji* ao longo do tempo:

Tabela 1: Formas de ideogramas através do tempo

Denominação	Época do surgimento	Descrição
<i>kookotsumoji</i>		Encontrada em cascos de tartaruga e ossos de animais. ± 3500 ideogramas, das quais 1800 com significado conhecido.
<i>Kinbun</i>	± 1300 a.C.	Encontrada em gravação em metais como bronze. As formas dos ideogramas já são mais próximas das atuais, se compararmos com as do período anterior. 2600 ideogramas dos das quais 2000 com significado conhecido
<i>Tensho</i>	± 220 a.C.	Esse é o período em que a dinastia <i>Shin</i> dominou o país unificando-o. Nesse período foi realizada também uma uniformização do ideograma inclusive em sua forma, com a figura bem distribuída à direita e à esquerda tornando-a uma figura ornamental. O intuito dos <i>Shin</i> era, com essa reforma na

		escrita, mostrar o seu poderio político. Este formato de letra é utilizado até hoje nos sinetes pessoais.
<i>Reisho</i>	± 200 a.C. a 220 d.C.	Esse é o período da dinastia <i>Kan</i> . Nesse período, os funcionários, que tinham que fazer registros em pedaços de madeira ou de bambu, passaram a traçar de modo retilíneo os traços curvos do ideograma da forma <i>tensho</i> , desse modo criando a escrita do ideograma na forma <i>reisho</i> .
<i>Kaisho</i> <i>Gyôsho</i> <i>Sôsho</i>	229 d.C. a 681 d.C.	Já no fim da dinastia <i>Kan</i> houve uma nova reforma na escrita, agora adotando a forma retilínea do <i>reisho</i> de um modo radical, surgindo então a forma <i>kaisho</i> . As formas <i>gyousho</i> e <i>sousho</i> são as formas cursivas do <i>kaisho</i> .

Fonte: Ogassawara, 2006, p. 36

No que diz respeito à origem do ideograma no Japão, de acordo com Suzuki (1985), acredita-se que entre os séculos III a.C. e III d.C. datam o registro mais antigo de ideogramas no Japão.

Supõem-se que a entrada dos ideogramas chineses no Japão ocorreu através dos *toraijin* (渡来人) "pessoas do exterior", essas pessoas eram na sua maioria provenientes da China e da Coréia e se estabeleceram no início do Japão quando introduziram a cultura continental para os japoneses, por volta dos séculos IV e V em vista da entrada massiva da cultura chinesa ao Japão.

O *kojiki* e o *nihonshoki* foram os primeiros textos do Japão. Eles foram escritos em *kanbun* (漢文) "texto em chinês" aproximadamente no ano de 712 e 720 respectivamente. Os textos em *kanbun* foram apropriados pelos homens da nobreza. O *kanbun* era utilizado para transcrever preceitos legais, ordens imperiais, comunicados oficiais. (OGASSAWARA, 2006)

Aproximadamente no ano de 760 foi compilado o *man'yōshū* (万葉集) "uma coletânea de poemas" aparece já escrito em *wabun* (和文) "texto em japonês", está escrita consiste em utilizar os *kanji*, mas se esquece do seu aspecto semântico e se importa apenas com seu aspecto fonético (SUZUKI, 1985).

Portanto o *kanbun* é um texto escrito em chinês já o *wabun* é um texto escrito em *kanji*, onde se preocupa apenas com a parte da fonética do *kanji* esquecendo a parte do seu significado.

Houve modificações no formato dos ideogramas no decorrer dos séculos, criando formas diferentes dos ideogramas utilizados nos dias de hoje na China (OGASSAWARA, 2006).

Os textos chineses, com o passar do tempo, passam a ser traduzidos por letrados japoneses criando um novo estilo chamado de *kanbunkundoku* "leitura de textos chineses em japonês". Os ideogramas que antes eram usados apenas em textos chineses passam a ser utilizados em textos de estrutura sintática japonesa e começaram a ser chamados de *kanji* (漢字) "grafia de *kan*". Esses ideogramas, na sua maioria, passam a ter dois aspectos: o aspecto semântico e o aspecto fonético com isso os ideogramas, na sua maioria, apresentam duas formas diferentes: a de uso e a de leitura que segundo a Fukasawa et al. (2001) são:

a) *Ondoku* “leitura pelo som” – o ideograma é lido com a pronúncia, do som adaptado à fonética japonesa do ideograma, correspondente à dinastia da China dominante da época em que foi introduzido no Japão, com adaptações à fonética japonesa. Também chamado de *on’yomi* (音読み) “leitura chinesa”.

b) *Kundoku* “leitura pelo significado” – o ideograma é lido visando o seu aspecto semântico, ou seja, uma palavra japonesa é adaptada a um ideograma chinês que tem um significado igual. Também chamado de *kun’yomi* (訓読み) “leitura japonesa”.

Essas duas leituras fixam uma o aspecto fonético (*on’yomi*) e outro o aspecto semântico (*kun’yomi*) respectivamente. Contudo existem diversas leituras *on* também chamada de leitura chinesa ou leitura fonética, onde será discutido um pouco mais sobre o porquê de alguns *kanji* possuírem mais de uma leitura chinesa e de uma leitura japonesa na seção a seguir.

2.2.1.1 As Características dos *kanji*

Tratar sobre as principais características dos *kanji* é discutir sobre forma, significado e leituras múltiplas, ou seja, o *kanji* contém uma forma que apresenta uma ideia e isocronicamente contém uma ou mais leituras (OLIVEIRA, 2013).

As várias leituras chinesas de cada *kanji* se devem à entrada deles no Japão em diferentes épocas e vindo de diferentes regiões da China. Esse é o motivo de um ideograma pode possuir várias leituras de origem chinesa e também as leituras japonesas. (OLIVEIRA, 2013). Frisando que dependendo do *kanji* pode possuir mais de duas leituras.

Tabela 2: Exemplos de *kanji* e sua leitura

	<i>Kanji</i>	<i>kun'yomi</i>	<i>on'yomi</i>	tradução
1	人	<i>hito</i>	<i>jin</i>	pessoa
2	日	<i>hi</i>	<i>nichi</i>	sol
3	火	<i>hi</i>	<i>ka</i>	fogo
4	雨	<i>ame</i>	<i>u</i>	chuva
5	飴	<i>ame</i>	<i>i</i>	doce

No quadro acima no primeiro exemplo consta o *kanji* 人 (pessoa), nele representa “pessoa”. Percebe-se também que no quadro é possível notar que esse *kanji* possui duas leituras uma *kun'yomi* e outra *on'yomi* respectivamente *hito* e *jin*.

Logo quase todos os *kanji* possuem pelo menos duas formas de leitura: o *on'yomi* (音読み) “leitura chinesa” e o *kun'yomi* (訓読み) “leitura japonesa”. Comumente a leitura chinesa é utilizada em palavras compostas por mais de um ideograma e a leitura japonesa é utilizada quando o ideograma se encontra isolado (OLIVEIRA, 2013).

Com o grande número de *kanji* cerca de 50000 ideogramas registrado no dicionário *Daikanwajiten*(apud Ogassawara, 2006, p. 49) e um uso indiscriminado por parte dos japoneses que poderia gerar uma confusão. O governo japonês determinou no ano de 1946 quantos e quais ideogramas poderiam ser utilizados na escrita da língua japonesa, através de uma legislação em 1949 determinou não apenas quantas letras, mas também as regras quanto ao *kakijun* (書き順) “ordem de traços” e o comprimento dos traços (OGASSAWARA, 2006).

O governo japonês definiu os *jouyoukanjihyou* (常用漢字表) “*kanji* de uso diário”, por causa da complexidade dos *kanji*, que contem atualmente 2136 ideogramas, com 4388 leituras distintas, os quais são obrigatórios no ensino básico do Japão (OLIVEIRA, 2013).

Os ideogramas chineses passaram por um grande processo de incorporação, e a partir do século XI passaram por um processo de simplificação. Com essa simplificação foram criados os dois silabários fonéticos japoneses: o *hiragana* e o *katakana* (OLIVEIRA, 2013). Esses dois silabários ainda serão explicados rapidamente neste trabalho.

2.2.1.2 A dificuldade dos ideogramas

Os estudantes da língua japonesa acabam escolhendo este idioma algumas vezes apenas pela curiosidade da grafia utilizada nesta língua, mas isso acaba trazendo alguns problemas no momento do ensino-aprendizagem pelo fato dos estudantes muitas das vezes já terem sido alfabetizados e não se lembrarem mais dos rituais de estudo e treino da escrita da sua língua materna. Eles acabam achando maçante e estranho o processo de ensino-aprendizagem da escrita japonesa. Esse fato causa uma adaptação dos estudantes e causa uma mudança nas suas visões de mundo sobre a forma de comunicação visual. (OGASSAWARA, 2006).

Outra dificuldade encontrada se refere ao *kanji* é a sua complexidade. Bourke (1996 apud Oliveira, 1996, p. 22 – 24) explica que há três pontos principais que ilustra a complexidade dos *kanji*:

- 1- Quanto ao formato do *kanji*.
- 2- Quanto ao número de *kanji*
- 3- Quanto às diversas formas de leitura.

No primeiro ponto os *kanji* possuem uma quantidade de traços maior, múltipla e labiríntica se comparado aos *kana* além de ter que ocupar o mesmo espaço que um *kana*.

No segundo ponto, o sistema de escrita baseado em ideograma precisa de um número maior de formas que devem ser apreendidas e lembradas. Os 2136 *kanji* que são ensinados obrigatoriamente nas escolas do Japão não abrangem todas as formas presentes nos jornais impressos, revistas e livros, ou seja, os japoneses precisam aprender ainda mais *kanji* para estarem preparados em ter uma leitura integral.

No terceiro ponto está relacionado às diversas leituras que um *kanji* possa ter. Cada *kanji* pode ter uma ou mais leituras.

Uma outra dificuldade no ensino de *kanji* está no fato de não poder desmembrar uma letra que por si só representa uma palavra.

2.2.2 Katakana

O *katakana* foi criado como uma forma simples dos *kanji* feito por monges em anotações dos sutras escritos em chinês no período Heian (794 a 1185). As simplificações dos *kanji* eram feitas apenas pela parte do início ou do fim de um *kanji*. E atualmente os *katakana* são utilizados nos casos de: palavras estrangeiras, onomatopeias, grifos, termos científicos médicos, de animais e de plantas. Também pode ser usado para destacar uma frase ou uma palavra. (FUKASAWA et al, 2001); (OLIVEIRA, 2013). Na tabela 3 a seguir serão apresentados os principais silabas do *katakana*.

Tabela 3: *Katakana*

<i>N</i> <i>gyou</i>	<i>WA</i> <i>gyou</i>	<i>RA</i> <i>gyou</i>	<i>YA</i> <i>gyou</i>	<i>MA</i> <i>gyou</i>	<i>HA</i> <i>gyou</i>	<i>NA</i> <i>gyou</i>	<i>TA</i> <i>gyou</i>	<i>SA</i> <i>gyou</i>	<i>KA</i> <i>gyou</i>	<i>A</i> <i>gyou</i>	
ン <i>n</i>	ワ <i>wa</i>	ラ <i>ra</i>	ヤ <i>ya</i>	マ <i>ma</i>	ハ <i>ha</i>	ナ <i>na</i>	タ <i>ta</i>	サ <i>sa</i>	カ <i>ka</i>	ア <i>a</i>	<i>A</i> <i>dan</i>
		リ <i>ri</i>		ミ <i>mi</i>	ヒ <i>hi</i>	ニ <i>ni</i>	チ <i>chi</i>	シ <i>shi</i>	キ <i>ki</i>	イ <i>i</i>	<i>I</i> <i>dan</i>
		ル <i>ru</i>	ユ <i>yu</i>	ム <i>mu</i>	フ <i>Fu</i>	ヌ <i>nu</i>	ツ <i>tsu</i>	ス <i>su</i>	ク <i>ku</i>	ウ <i>u</i>	<i>U</i> <i>dan</i>
		レ <i>re</i>		メ <i>me</i>	ヘ <i>he</i>	ネ <i>ne</i>	テ <i>te</i>	セ <i>se</i>	ケ <i>ke</i>	エ <i>e</i>	<i>E</i> <i>dan</i>
	ヲ <i>wo</i>	ロ <i>ro</i>	ヨ <i>yo</i>	モ <i>mo</i>	ホ <i>ho</i>	ノ <i>no</i>	ト <i>to</i>	ソ <i>so</i>	コ <i>ko</i>	オ <i>o</i>	<i>O</i> <i>dan</i>

No japonês existem formas de transformar o som dos fonogramas e de criar silabas a Fukasawa et al. (2001, p. 24) explicam sobre essas formas que são denominadas como: *dakuon*, *handakuon* e *o youon*.

O "chamado de *dakuten* é um sinal que transforma os sons dos fonogramas da *KA gyou*, *SA gyou*, *TA gyou* e *HA gyou* em *GA gyou*, *ZA gyou*,

DA gyou e *BA gyou*, respectivamente. Este sinal fica na parte superior do canto direito dos fonogramas. Depois de transformado o som passa a ser chamado de *dakuon*.

Já o ° chamado de *handakuten* é um sinal que transforma os sons dos fonogramas da *HA gyou* em *PA gyou*. Este sinal também fica na parte superior do canto direito dos fonogramas. Depois de transformado o som passa a ser chamado de *handakuon*.

O *youon* “sons contraídos” consiste em uma sílaba que é escrita com a combinação de uma semivogal (ヤ, ュ ou ヨ) em um tamanho reduzido, quando escrito no sentido oriental (na vertical) ele fica deslocado um pouco à direita ou quando escrito no sentido ocidental (na horizontal) ele fica deslocado um pouco para baixo.

Esses silabários podem ser encontrados nos apêndices E, F e G respectivamente.

Com a globalização e o aparecimento de novas palavras foi se necessária a criação de novos fonogramas. A partir de novas combinações dos fonogramas do *katakana* foram criados novos fonogramas para tentar aproximar os novos fonemas com a pronúncia do japonês. Uma tabela com alguns exemplos poderá ser consultada no anexo H.

2.2.3 Hiragana

O *hiragana* foi criado de um estilo cursivo de caligrafia que aconteceu quando as mulheres, no período Heian (794 a 1185), que tinham acesso às letras começaram a transcrever os *man'yōgana* com uma forma arredondada. Essa escrita passou a ser conhecida como *onnade* (女手) “letra de mulher”, por isso, o *hiragana* foi considerado uma escrita feminina por muito tempo. Além disso, o *hiragana* representa a fonética e é utilizado atualmente também para escrever elementos gramaticais pertencentes na língua japonesa. (FUKASAWA et al., 2001); (OLIVEIRA, 2013). Na tabela 4 a seguir serão apresentadas as principais sílabas do *hiragana*.

Tabela 4: *Hiragana*

<i>N</i> <i>gyou</i>	<i>WA</i> <i>gyou</i>	<i>RA</i> <i>gyou</i>	<i>YA</i> <i>gyou</i>	<i>MA</i> <i>gyou</i>	<i>HA</i> <i>gyou</i>	<i>NA</i> <i>gyou</i>	<i>TA</i> <i>gyou</i>	<i>SA</i> <i>gyou</i>	<i>KA</i> <i>gyou</i>	<i>A</i> <i>gyou</i>	
ん <i>n</i>	わ <i>wa</i>	ら <i>ra</i>	や <i>ya</i>	ま <i>ma</i>	は <i>ha</i>	な <i>na</i>	た <i>ta</i>	さ <i>sa</i>	か <i>ka</i>	あ <i>a</i>	<i>A</i> <i>dan</i>
		り <i>ri</i>		み <i>mi</i>	ひ <i>hi</i>	に <i>ni</i>	ち <i>chi</i>	し <i>shi</i>	き <i>ki</i>	い <i>i</i>	<i>I</i> <i>dan</i>
		る <i>ru</i>	ゆ <i>yu</i>	む <i>mu</i>	ふ <i>fu</i>	ぬ <i>nu</i>	つ <i>tsu</i>	す <i>su</i>	く <i>ku</i>	う <i>u</i>	<i>U</i> <i>dan</i>
		れ <i>re</i>		め <i>me</i>	へ <i>he</i>	ね <i>ne</i>	て <i>te</i>	せ <i>se</i>	け <i>ke</i>	え <i>e</i>	<i>E</i> <i>dan</i>
	を <i>wo</i>	ろ <i>ro</i>	よ <i>yo</i>	も <i>mo</i>	ほ <i>ho</i>	の <i>no</i>	と <i>to</i>	そ <i>so</i>	こ <i>ko</i>	お <i>o</i>	<i>O</i> <i>dan</i>

Como no *katakana* o *hiragana* também possui formas de transformar o som dos fonogramas e de criar sílabas que também são chamadas de: *dakuon*, *handakuon* e o *youon*. Esses silabários podem ser encontrados nos apêndices E, F e G respectivamente.

2.2.4 *Roumaji*

Os *roumaji* são as letras romanas que vieram ao Japão através dos jesuítas portugueses (OLIVEIRA, 2013). É o sistema de escrita alfabético latino. O *roumaji* atualmente é usado: em nomes de estações; em algumas transliterações de placas de trânsito e sinalização; em anúncios; e em siglas. (OLIVEIRA, 2013).

O texto mais antigo encontrado no Japão nesta escrita foi um documento da tradução do Novo Testamento escrito por jesuítas em 1591 (OGASSAWARA, 2006).

2.2.5 O sistema misto de escrita da língua japonesa

O sistema de escrita da língua japonesa é feito por meio de uma combinação de grafemas semânticos (ideogramas) e de grafemas fonéticos (fonogramas japoneses): os ideogramas exprimem os substantivos, adjetivos e

verbos; e os fonogramas representam as flexões dos verbos, partículas, etc. podendo se quiser também utilizar os fonogramas para representar substantivos, adjetivos e verbos. (OLIVEIRA, 2013).

Segundo Doi (1985, p. 8) a escrita japonesa possui um fator de importância no ensino e aprendizado do idioma japonês, pois ela ajuda na eficácia da compreensão e realização do japonês.

A existência de vários termos homófonos em que os significados são compreendidos pelos ideogramas grafados é o argumento trazido nas muitas discussões sobre a não extinção do atual sistema de escrita da língua japonesa permanecendo sendo grafados em *kanji*, *hiragana*, *katakana* e *roumaji* (se necessário) (SUZUKI, 1985).

Logo abaixo está um exemplo 1 que tenta mostrar um pouco da importância do uso do *kanji* na escrita:

Exemplo 1:

私はあめが好きです。

(*Watashi wa ame ga suki desu.*)

No exemplo 1 está escrita uma pequena frase, por causa da falta de contexto e por não haver um *kanji* não é possível saber qual o significado dessa frase. Essa ambiguidade acontece porque uma palavra, no caso desse exemplo a palavra *あめ* (*ame*), essa palavra possui mais de um significado doce e chuva como foi demonstrado na tabela 2, ou seja, ela é uma palavra. Mas no caso do idioma japonês essa ambiguidade na escrita poderia ser evitada se a palavra *あめ* (*ame*) fosse escrita em *kanji*. Basta que apenas uma palavra não seja grafada em *kanji* para que a frase fique com vários sentidos, ou seja, se a palavra *あめ* (*ame*) fosse escrita em *kanji* o seu significado seria restringido para apenas um. Neste exemplo a palavra em questão é a palavra destacada: *あめ*. A seguir terá uma pequena discussão sobre esse exemplo, mas primeiro é preciso descobrir o que significa as outras palavras que compõem a frase.

Este exemplo possui dois *kanji* 私 e 好 (*watashi; su*) que significam "eu" e radical do adjetivo na "gostar". Também possui は, が, き e です (*wa, ga, ki desu*) que são, respectivamente, partículas gramaticais que indicam tópico, caso, *okurigana* que acompanha o *kanji* para facilitar a leitura e auxiliar verbal. E por último temos a palavra あめ que neste exemplo está escrita em *hiragana*, mas a seguir no exemplo 1a e 1b utilizaremos dois *kanji* para direcionar a palavra あめ para dois significados referentes aos *kanji*. Com base do que foi discutido logo acima e possível inferir parte do significado da frase que é:

Exemplo 1 (traduzido)

Eu gosto de X.

Substituindo a palavra あめ pelos *kanji* 飴 ou 雨 obteremos o exemplo 1a e o exemplo 1b respectivamente logo abaixo:

Exemplo 1a

私は飴が好きです。

Exemplo 1b

私は雨が好きです。

A partir da explicação da frase do exemplo 1 e sabendo que 飴 e 雨 significam doce e chuva respectivamente podemos traduzir essas frases como:

Exemplo 1a (traduzido)

Eu gosto de doce.

Exemplo 1b (traduzido)

Eu gosto de chuva.

Neste exemplo o uso dos *kanji* mudou apenas o significado do objeto (doce e chuva) não alterando a estrutura da frase (eu gosto de ~). Ou seja, sem um contexto uma frase escrita apenas em *hiragana* e *katana* ou com algumas palavras não escrita em *kanji* pode atrapalhar no momenteo de

interpretá-la. Contudo vale ressaltar que a palavra あめ pode ter mais homófonos e que podem haver mais formas de falar doce e chuva em japonês. Agora retomando o tema falaremos um pouco mais sobre o sistema misto de escrita da língua japonesa.

Apenas em 1900 acontece uma uniformização dos caracteres fonográficos através de um decreto que determinou o uso de 47 signos para cada silabário. No japonês moderno os três sistemas gráficos são usados concomitantemente. (FUKASAWA, et al, 2001)

A língua japonesa usa um sistema misto de escrita que utiliza o *kanji*, *hiragana*, *katakana* e *romaji*. Esse sistema é chamado por *kanji kana majiribun* (漢字仮名交じり文) “escrita mista de *kanji* e *kana*” esse sistema se utiliza de três tipos de grafia mais o *romaji*. Com base na forma de cada caractere é possível classificá-lo como *kanji*, *hiragana* ou *katakana*: o *kanji* possui traços mais complexos e numerosos; o *hiragana* possui traços mais arredondados; e o *katakana* possui traços mais angulares (OGASSAWARA, 2006). No sistema de escrita da língua japonesa também é usado o *romaji* (ローマ字) “escrita romanizada” que é o uso do alfabeto latino. Com o exemplo 2 abaixo tentará ilustrar como funciona o sistema misto de escrita da língua japonesa usando os três sistemas de escrita concomitantemente.

Exemplo 2

学生はショッピングセンターに ABC のペンを買いに行きました。

(*gakusei wa shoppingu ni ABC no pen wo kainiikimashita.*)

Exemplo 2 (traduzido)

"O aluno foi comprar uma caneta ABC no shopping"

Neste exemplo 2 temos em *kanji*: 学生, 買 e 行 (*gakusei*, *ka* e *i*) que significam respectivamente "aluno", radical do verbo "comprar" e radical do verbo "ir". E em *hiragana* temos as partículas gramaticais: は, に, の, を, e に de tópico, de direção, modificador, de caso e de finalidade; い e きました (*i* e *kimashita*) flexão do verbo "comprar" e "ir". Em *katakana* ショッピング e ペン (*shoppingu* e *pen*) o primeiro significa "shopping" e o segundo significa "caneta". E por último temos escrito em *romaji* "ABC", uma marca fictícia.

Esses são os usos dos sistemas de escrita que normalmente são usados na escrita japonesa, mas vale ressaltar que nada impede que seja escrito utilizando um ou dois sistemas de escrita.

2.3 Métodos de Ensino

Com a necessidade das pessoas de comunicar com falantes de outros idiomas existe há muito tempo, algumas sociedades desenvolveram métodos sistemáticos de ensinar e aprender línguas estrangeiras. (CESTARO, 1999). Ensinar não é apenas uma tarefa simples de transmitir conhecimento do professor ao estudante como ilustra a palavra do Freire (2011, p. 47) "[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" por isso fez-se necessário criar métodos e técnicas a fim de ensinar, tentando criar um ambiente que aproxime o professor e o estudante de forma que os dois possam ensinar e aprender. No ensino de língua estrangeira as técnicas são bastante importantes, mas o ensino não se faz apenas com um professor que domine técnicas de ensino, porque se o ponto de vista entre o professor e o estudante for muito diferente pode ser que não ocorra o ensino da língua estrangeira. Mas antes de se explicar sobre os métodos de ensino primeiramente temos que definir alguns conceitos de alguns termos chave no ensino de língua estrangeira:

O primeiro termo é "abordagem". Nela se englobam os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem e é o termo mais abrangente (LEFFA, 1988). O segundo é "método", que se origina do grego *métodos*, uma palavra composta de *meta* "além de; ordenação" e de *hodos* "caminho; via", ou seja, a partir da etimologia é possível relacionar a palavra método como um caminho ordenado e sistemático para atingir certos objetivos, e possui uma abrangência menor, podendo estar contido dentro de uma abordagem. Além disso, não aborda os pressupostos teóricos da aprendizagem e sim de normas de aplicação desses pressupostos. (LEFFA, 1988) (CARRAVETTA, 1991). A depender do curso a visão do conceito de método pode mudar. Neste trabalho, o foco é o ensino e, assim, será usado o conceito na área da educação onde a Carraveta (1991, p. 35) define método como um "conjunto de processos e procedimentos, ordenado com lógica, para conduzir a aprendizagem dos alunos a determinados objetivos". O terceiro termo é "técnica" que é uma

maneira hábia e adequada de utilizar recursos, sendo menos abrangente que o método. (CARRAVETTA, 1991)

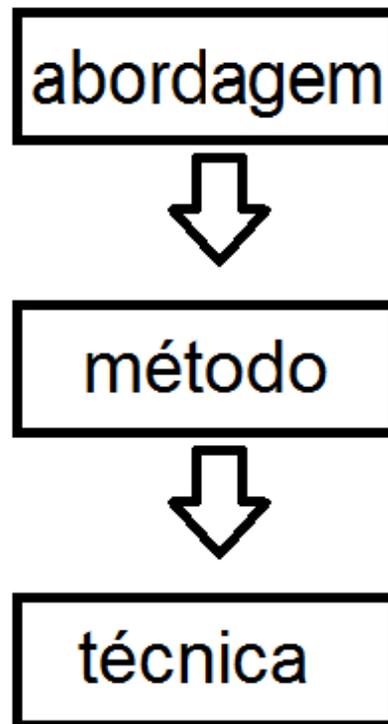
Sobre o método, voltado ao ensino de língua estrangeira, dois conceitos adquiriram destaques no meio acadêmico: o do Edward Anthony e o do Richards e Rodgers que foram explicados resumidamente no artigo do Vilaça (2008).

2.3.1 Teoria do Método de Edward Anthony

Nesta teoria o método é um estágio intermediário, de três estágios, entre a abordagem e as técnicas do professor. O conceito de método para o Anthony o considera como esses três estágios em um sistema hierárquico como ilustrará a figura 1. É imprescindível reforçar que uma abordagem pode criar vários métodos e um método ocorre na prática por diferentes técnicas. (VILAÇA, 2008).

Segundo Vilaça (2008) o primeiro estágio, a abordagem, entende-se como a visão geral sobre o que é uma língua e sobre o que é ensinar e aprender uma língua. No próximo estágio, o método, tem o papel de plano geral para a divulgação e ensino da língua. E o último estágio, a técnica que é o recurso utilizado pelo professor em sala para que o método atinja o seu objetivo. A figura 1 abaixo tentará demonstrar o que Anthony definiu como método:

Figura 1: Método segundo Anthony

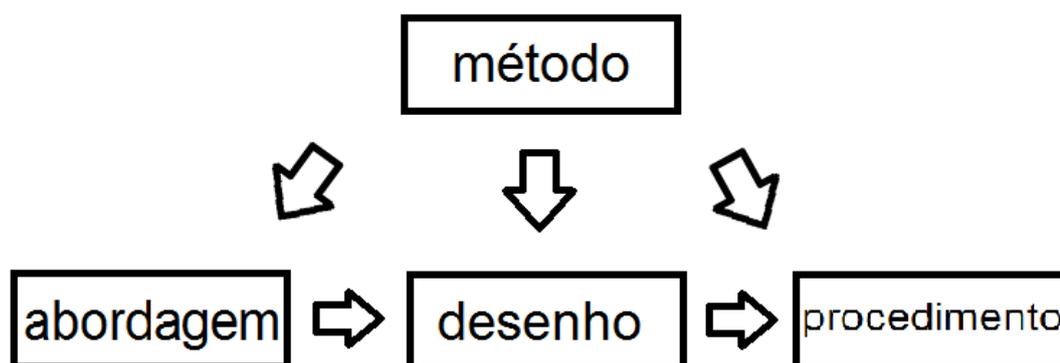


Ainda sobre o conceito de método proposto por Anthony uma abordagem pode criar diversos métodos, um método possui diversas técnicas e uma técnica pode ser utilizada em diferentes métodos. A seguir falaremos sobre o conceito de método criado pelo Richards e Rodgers.

2.3.2 Teoria do Método de Richards e Rodgers

Nesta teoria o método passa a ser composto por uma combinação de três componentes: abordagem, desenho e procedimento. Como mostra na figura 2 abaixo:

Figura 2: Método segundo Richards e Rodger



Segundo Vilaça (2008), o primeiro componente, a abordagem é uma concepção do professor sobre a língua e aprendizagem. O segundo componente, o desenho, é dividido em seis elementos: objetivos de ensino, programa de ensino, papel do professor, papel do aluno, papel dos materiais instrucionais, tipos de tarefas. O terceiro componente, o procedimento são procedimentos e estratégias didáticas que viabiliza a realização prática e objetiva de um método.

2.3.3 Método de ensino de língua estrangeira

Agora será feito um panorama sobre alguns dos principais métodos de ensino de língua estrangeira baseado nos trabalhos do Leffa (1988) e da Cestaro (1999):

2.3.3.1 Método audiolingual

Segundo Leffa (1988) esse método foi criado durante a Segunda Guerra Mundial, quando os americanos viram a necessidade de produzir rapidamente falantes de línguas estrangeiras. Para esse método a língua é fala e não escrita, ou seja, o estudante aprende primeiramente a falar e a ouvir só depois aprende a ler e a escrever. Esse método busca a precisão na língua alvo, porque os estudantes não são ensinados a criar frases espontaneamente.

Segundo Cestaro (1999), esse método foi baseado em dois princípios: o behaviorista de Skinner, por pensarem que a língua é um conjunto de hábitos, e a linguística distribucional de Bloomfield, a língua é ensinada de maneira indutiva e o ensino é dado por estruturas e só depois é dado os vocabulários.

O professor é visto como uma autoridade e quando o estudante erra ele é corrigido imediatamente pelo professor. Não é utilizada a língua materna em sala de aula. O centro da aprendizagem é o professor. A seguir será feito um pequeno apanhado sobre o método comunicativo

2.3.3.2 Método comunicativo

Esse método foi criado na Europa. A língua estrangeira é “ [...] analisada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos. ” (LEFFA, 1988, p. 19). O foco do ensino utilizando nesse método está na função comunicativa e não na forma linguística. Esse método busca a fluência na língua alvo.

Segundo Cestaro (1999) o professor não é visto como uma autoridade e quando o estudante erra em um exercício não é corrigido pelo professor imediatamente neste exercício e sim discutido durante algum momento da aula. O centro da aprendizagem é o estudante. Na próxima seção será feita uma síntese sobre o ensino da escrita japonesa como língua estrangeira

2.4 Ensino da escrita japonesa como língua estrangeira

A ordem utilizada para se ensinar a escrita japonesa geralmente é planejada pelo ponto de vista da frequência que são usados, parte do *hiragana* em seguida o *katakana* e por último o *kanji*. Outro motivo utilizado para a escolha dessa ordem é o nível de dificuldade, por ser mais difícil o *kanji* é ensinado, na maioria das vezes, apenas quando o *hiragana* e o *katakana* são ensinados. (OGASSAWARA, 2006) O letramento em língua japonesa só é possível se encarar, mas o desafio de ensino/aprendizagem de *kanji*. (JOKO, 2014)

Por possuir um sistema de escrita diferente do alfabeto romano o ensino da escrita do japonês merece uma grande atenção, principalmente quando é ensinado aos adultos. (DOI, 1985)

Tanaka e Saitou (1993 apud Ogassawara, 2006, p. 3 –8) expõem três critérios para se classificar as diversidades dos estudantes que se devem ter ao se ensinarem a língua japonesa:

1- Quanto às características pessoais dos estudantes: tem que se ter uma noção sobre quem é, se já teve contato com a língua japonesa, qual a língua materna do estudante.

2- Quanto às necessidades de cada estudante: qual o objetivo/motivo que trouxe o estudante a vir estudar a língua japonesa.

3- Quanto à visão peculiar que cada estudante tem em relação ao que é aprender uma língua estrangeira: onde nasceu, onde cresceu, sua opinião sobre como seria aprender uma língua estrangeira, as influências culturais que já sofreu, sua religião, categoria socioeconômica a que pertence, etc.

Ogassawara (2006) também cita dois pontos importantes que interferem no resultado final do processo de ensino-aprendizagem de língua japonesa:

- os elementos “quem” (o professor) e “a quem” (o estudante), que são indispensáveis em todo o processo, entre os quais podem ocorrer situações de conflitos culturais, mas muito importante para o ensino de língua que procura alcançar como o seu objetivo final o desenvolvimento da capacidade comunicativa do estudante na língua alvo;

- um conjunto de elementos que une os dois agentes acima, que os levem a se interagirem. Como resultado dessas interações o estudante poderá ser bem inserido na cultura alvo, com capacidade comunicativa na língua dessa cultura.

São elementos do conjunto mencionado acima:

- 1) O objeto de estudo;
- 2) A elaboração do plano de curso;
- 3) O porquê da adoção desse planejamento;
- 4) A escolha dos recursos e métodos de ensino;
- 5) O quando – o planejamento curricular;
- 6) Onde – onde o ensino é realizado.

Os estudantes de um curso de licenciatura de língua japonesa se comparado ao tempo de alfabetização das crianças japonesas o seu tempo dedicado apenas ao ensino da escrita é menor, além de existir pouco contato com textos em japonês, o ensino/aprendizagem de *kanji* acontece quase que exclusivamente na sala de aula, onde as aulas são focadas no ensino de

quatro habilidades: ler, escrever, falar e ouvir; com um tempo limitado cerca de quatro anos de ensino de japonês para estudantes que não tiveram um contato com o ciclo básico de estudo de japonês diminuindo o tempo dedicado ao ensino/aprendizagem da língua japonesa (JOKO, 2014).

3 Metodologia

O objetivo desse capítulo é abordar sobre a metodologia utilizada neste trabalho. Este capítulo será dividido em seis partes: a primeira será tratada sobre o método e natureza da pesquisa, a segunda será descrita o contexto da pesquisa; a terceira descrevera os participantes; a quarta tem o intuito de elencar os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa; a quinta apresenta os processos para a coleta de dados; e a sexta explica os procedimentos de análise de dados.

3.1 Método e natureza da pesquisa

A presente pesquisa possui caráter qualitativo. Segundo Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como sua fonte primária de dados e o pesquisador como seu fundamental instrumento. Para Creswell (2010) a pesquisa qualitativa é uma forma para averiguar e para compreender o significado que os indivíduos ou os grupos concedem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa abrange as questões e os procedimentos que aparecem, os dados tipicamente reunidos no ambiente do participante. Os dados são indutivamente processados a partir das particularidades para os temas gerais e as análises são feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. Essa pesquisa foi escolhida como qualitativa por causa do pouco tempo e do pouco número de participantes que poderiam ser pesquisados isso será explicado na Seção 3.3. Por causa do pouco número de participantes foi decidido estudá-los mais a fundo visando a qualidade dos dados e não a quantidade.

3.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública do Distrito Federal no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, no ano de 2016.

O curso possui uma duração de quatro anos e meio (nove semestres), mas em apenas quatro anos (oito semestres) é ensinada a língua japonesa. Esse curso é dividido em dois níveis: o nível básico e o nível intermediário. O nível básico ocorre nos quatro primeiros semestres, em que a língua alvo é ensinada em duas disciplinas de quatro créditos: uma voltada a parte teórica e a outra à parte prática. Já o nível intermediário ocorre nos próximos três

semestres e no último semestre, mas a partir desse nível a língua alvo é ensinada em apenas uma disciplina de quatro créditos, com a parte teórica e prática juntas. Cada crédito possui a duração de cinquenta minutos no curso noturno. Neste curso não possui uma disciplina voltada apenas ao ensino do *kanji*. A seguir será mostrada a tabela 2 que ilustra como são dispostos os *kanji* nas disciplinas ao longo do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa.

Tabela 5: Lista das disciplinas com o total de *kanji* a serem estudados durante o semestre no curso de Língua e Literatura Japonesa.

Disciplina	<i>kanji</i> ensinado no semestre	<i>kanji</i> acumulado
Prática do Japonês Oral e Escrito 1	60	60
Prática do Japonês Oral e Escrito 2	140	200
Prática do Japonês Oral e Escrito 3	200	400
Prática do Japonês Oral e Escrito 4	200	600
Japonês 5	100	700
Japonês 6	300	1000
Japonês 7	300	1300
Laboratório de Língua Japonesa	#	#

A partir da tabela 2 é possível notar que o total de *kanji* ensinado nas disciplinas obrigatórias voltadas ao ensino de japonês é de 1300 *kanji*. Entende-se que os cerca de 800 *kanji* do *jouyoukanjihyou* restantes podem ou não ser ensinados na disciplina Laboratório de Língua Japonesa onde serão estudados no contexto. (JOKO, 2014).

Os dados desta tabela 2 foram obtidos no site matriculaweb, no curso de letra e literatura japonesa e os números de *kanji* apresentados nesta tabela estão localizados nas ementas das respectivas disciplinas. Por ser acumulativo o conteúdo os *kanji* também são apresentados na forma acumulada, ou seja, a partir do segundo semestre os *kanji* que serão aprendidos no semestre são somados com os *kanji* aprendido no semestre anterior.

3.3 Participantes

Os participantes desta pesquisa foram dois professores do curso de Língua e Literatura Japonesa de uma universidade pública do Distrito Federal. A participação foi voluntária e seus nomes foram mantidos em anonimato. A pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2016. Os participantes receberam o nome de Participante 1 e Participante 2, respectivamente P1 e P2.

O participante P1 possui trinta e seis anos, em torno de dez anos de experiência na docência e a sua formação como professora de língua japonesa aconteceu no ano de 2004.

O participante P2 possui vinte e sete anos, em torno de cinco anos de experiência na docência e a sua formação como professora de língua japonesa aconteceu no ano de 2015.

Os nomes das disciplinas observadas também serão mantidos em anonimato para manter os nomes dos participantes em sigilo.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

Para que ocorra uma triangulação de dados e perspectivas é preciso uma combinação de vários instrumentos a fim de cruzar os dados reunidos para confrontar e analisar os dados com a finalidade de obter uma análise de dados de qualidade, porque apenas um instrumento por si só não é suficiente. Por isso este trabalho utilizou dois instrumentos de coleta de dados a fim de obter dados de qualidade. Os instrumentos escolhidos foram: observação direta e questionário. Cada instrumento será detalhado nas seções a seguir.

3.5 Observação direta

Conforme Barcelos e Abrahão (2010, p. 225), uma observação de aula propícia aos pesquisadores uma documentação sistemática das ações e das ocorrências que são relevantes a sua pesquisa. Em seguida Barcelos e Abrahão (2010) definem dois tipos de observações: a observação participante e a observação não-participante. Para as autoras a observação participante é quando o pesquisador observa e observa-se, o pesquisador entra no contexto pesquisado; e a observação não-participante é quando o pesquisador apenas observa e grava o que acontece em sala de aula, o pesquisador não entra no contexto pesquisado.

Neste trabalho foi utilizada a observação não-participante. Por que para a pesquisa não havia motivo para o pesquisador entrar no contexto pesquisado sendo necessário apenas que o pesquisador registre os dados observados sem interferir diretamente nas aulas assistidas. Para registrar os acontecimentos foram usadas notas de campo para descrevê-los no contexto de pesquisa de forma relativamente objetiva.

3.6 Questionário

Para a Barcelos e Abrahão (2010, p. 221) "Os questionários envolvem questões pré-determinadas apresentadas na forma escrita.". O questionário pode conter perguntas com itens fechados, itens em escala, itens abertos ou uma combinação desses itens. Nesta pesquisa foi utilizada uma combinação dos itens abertos e dos itens fechados. Os itens em escalas as perguntas devem ser assinaladas de acordo com o grau de aprovação ou reprovação do participante. E os itens abertos as perguntas procuram respostas mais ricas e detalhadas explorando as opiniões, as experiências e as crenças do participante. Foram aplicados dois questionários vide apêndices C e D. O primeiro questionário foi aplicado no começo das observações das aulas com o propósito do pesquisador conhecer um pouco sobre a experiência dos participantes, sobre as suas opiniões quanto ao ensino de *kanji* e principalmente sobre os métodos de ensino de *kanji* que os participantes pretendem utilizar durante o semestre. O segundo questionário foi aplicado um pouco antes das observações das aulas acabarem a fim de descobrir as opiniões dos participantes sobre como os seus métodos de ensino de *kanji* se saiu durante o semestre e se o participante queria utilizar algum outro método, mas acabou não usando além de descobrir as opiniões dos participantes acerca da utilização de novas tecnologias no ensino de *kanji*. Os dois questionários estarão disponíveis respondidos com suas perguntas nos apêndices I e J.

3.7 Processos para a coleta de dados

A observação ocorreu durante seis aulas (cerca de doze horas) com a devida autorização do professor entre o mês de abril e o mês de maio do ano

de 2016. Foram observadas apenas as aulas voltadas à prática, em específico as aulas das disciplinas práticas reservadas para o ensino de *kanji*.

Os questionários foram produzidos no formato de questionários eletrônicos via *internet*. Eles foram aplicados em dois momentos: no meio do período de observação e próximo ao final do período de observação.

3.8 Procedimento de análise de dados

O procedimento de análise de dados obtidos através das observações diretas das aulas e dos questionários durante as seis aulas de *kanji* foram feitas primeiramente uma identificação das técnicas de ensino de *kanji* dos participantes e a satisfação e confiança dos participantes sobre essas técnicas; descrever as aulas que ocorreram o ensino de *kanji*; posteriormente analisar e interpretar os dados obtidos através dos questionários e das observações com o foco na eficiência e nas principais dificuldades no ensino de *kanji*.

4Análise e discussão de dados

Este capítulo tentará analisar os dados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados. Este capítulo está dividido em duas partes na primeira analisaremos as aulas observadas e na segunda parte os questionários respondidos pelos participantes.

4.1 Aula

Nesta seção será apresentado de uma forma resumida como foi realizado o ensino de *kanji* nas disciplinas dos participantes.

Na aula do participante 1 os *kanji* são ensinados por meio de seminários, onde os estudantes são divididos em grupos e cada grupo fica responsável por uma lição do livro didático utilizado, o 上級へのとびら de 岡まゆみ. O modo de elaborar e apresentar o seminário é livre, mas os estudantes precisam cumprir com algumas exigências proposta pelo participante 1, como dar uma aula sobre um tema que tenha relação com os *kanji* da lição do livro didático. Neste seminário os estudantes precisam apresentar os *kanji* contidos na lição aos outros estudantes com uma aula dinâmica em que os estudantes precisam interagir com os outros estudantes através de exercícios, por exemplo um jogo ou uma atividade escrita.

Na aula do participante 2, os *kanji* são ensinados por meio de uma aula expositiva. O participante 2, utiliza slides cada um contém um *kanji*, a sua leitura, a sua tradução e a sua ordem de traços mostrada por meio de um “arquivo animado em formato .gif”. O participante 2, costuma utilizar algumas curiosidades para ensinar um *kanji*. O participante 2, pedi aos estudantes para repetir a leitura e em seguida ele fala o significado deste *kanji* e também fala o vocabulário que esse *kanji* aparece na lição. O participante ,2 quando mostra a ordem de traço de um *kanji*, também comenta sobre o radical deste *kanji*.No decorrer do semestre o participante 2 decide mudar o modo de ensinar *kanji*, ele passa a ensinar os novos *kanji* através dos novos vocabulários da lição. Com os novos *kanji* dos novos vocabulários o participante 2 procura por novos vocabulários para ensinar aos estudantes, por exemplo se o novo vocabulário for *ningen* (人間) “ser humano” e o novo *kanji* apresentado na lição for *hito* (人)

“pessoa” o participante 2 procurava por novos vocabulários com este *kanji* como *ningyou* (人形) “boneca” para ensinar aos estudantes.

Os dois participantes possuem modos distintos de ensinar *kanji*. Enquanto o participante 1 utiliza os estudantes a ensinar o *kanji* outros estudantes o próprio participante 2 ensina os *kanji*.

O modo em que o participante 1 utiliza para ensinar os *kanji*, por utilizar os estudantes a ensinar os *kanji* pode ocorrer deles não fazerem um seminário do modo que o participante 1 tinha proposto correndo o risco que o restante dos estudantes não aprendam esses *kanji* no caso do grupo não tenha utilizado um método adequado ou tenha esquecido de ensinar alguns *kanji*.

Nos seminários propostos pelo participante 1 o aluno se torna o centro da aprendizagem pois ele precisa estudar o conteúdo para poder passar aos outros alunos sendo assim o centro ensino duas vezes, pois ele é o “professor” e esta dando aula a outros alunos, retomando ao conceito de método comunicativo utilizado no trabalho do Leffa (1988), onde o aluno é o centro da aprendizagem, mas esse método é voltado para a comunicação e não é diretamente relacionado ao ensino de *kanji*.

Por cada seminário ser realizado por um grupo diferente de alunos as técnicas utilizadas nas aulas acaba sendo diferentes podendo assim relacionar com a teoria do método de Edward Anthony resumida no artigo de Vilaça (2008), onde com o uso de diferentes técnicas a fim de que o método atinja o seu objetivo que no caso é o ensino de *kanji*.

O participante 2 como já dito anteriormente ele ensina os *kanji* por um método expositivo através de slides. No decorrer do semestre ele decide mudar o modo de ensinar *kanji* provavelmente por causa do tempo, ao invés de ensinar *kanji* por *kanji* ele decidiu ensinar vocabulários que contém o novo *kanji* para otimizar o tempo já que ele antes também utilizava os vocabulários para ensinar os *kanji*.

O método utilizado pelo participante 2 se assemelha um pouco com a teoria do método de Richards e Rodgers resumida no artigo do Vilaça (2008), onde através da sua visão como professor sobre a língua estrangeira ele analisa os elementos encontrados na sala de aula onde ele elabora procedimentos que possibilitam a realização prática e objetiva do seu método, no caso o método expositivo. Retornando as palavras da Doi (1985) por estar

dando aulas a alunos adultos e esses alunos por terem passado pela alfabetização e não se lembrarem do processo de letramento o professor precisa considerar esse elemento, entre outros, no momento de decidir o método utilizado na sala, o participante 2 notou alguns elementos nas suas aulas e amentando os elementos trazidos na dicertação da Ogassawara (2006) o participante 2 decidiu mudar o modo de ensinar por um que considere mais as necessidades dos estudantes.

4.2 Questionário

Nesta seção serão analisadas as respostas dos participantes sobre os dois questionários.

4.2.1 Método

Nesta parte serão apresentadas as respostas acerca do método de ensino.

[1] Isso depende muito do objetivo da aula, se a aula é com objetivo de entender as estruturas trabalho com a método áudio-lingual. (P1)

[2] Expositivo. (P2)

Aqui nesta resposta mostra que os participantes utilizaram mais de um método a fim de deixar o ensino diversificado.

[3] Sim, o método áudio-lingual, método comunicativa. (P1)

[4] Sim. Expositivo, ensinando o radical e significado do *kanji*. E expositivo, dando exemplos de palavras feitas com aquele *kanji*. (P2)

Com base nas definições de Leffa (1988) de método áudio-lingual e comunicativo esses métodos não são voltados ao ensino da escrita provavelmente o participante 1 se confundiu no momento de responder os questionários.

Sobre a eficácia do método apenas o P2 soube avaliar. Vale ressaltar que o este foi o primeiro semestre que a P1 utilizou esse método, provavelmente sendo o motivo de não poder avaliar o seu método.

[5] Não sei dizer. (P1)

[6] Eficaz. (P2)

Sobre os métodos que os participantes gostariam de ter utilizado pela resposta do P1 provavelmente mostra que os métodos de ensino não são muito conhecidos mesmo em um curso superior já pela resposta do P2 mostra

que o número grande de *kanji* dificulta na hora de utilizar o método que ele gostaria de utilizar em aula.

[7] Ainda não conheço muitos métodos no ensino de *kanji*. (P1)

[8] Ensinar todos os *kanji* mostrando sua origem. Mas existem muitos *kanji* que a sua origem não é muito clara acaba não fazendo sentido para o aluno. (P2)

4.2.2 O ensino de *kanji*

Sobre a importância do ensino de *kanji* no aprendizado do aluno os dois participantes assinalaram como muito importante.

[9] Muito importante.(P1)

[10] Muito importante.(P2)

Além de justificarem que só é possível entender/compreender a língua japonesa se souberem *kanji*.

[11] Acho que aprender *kanji* é também aprender a ler os textos em japonês, textos em geral, textos orais e escritos. É entender a língua, além de aprender a se expressar e a pensar na língua japonesa.(P1)

[12] Não é possível compreender bem a língua japonesa sem entender *kanji*.(P2)

Os dois participantes responderam que as principais dificuldades no ensino de *kanji* tem relação com os estudantes.

[13] Acho que depende muito do aprendiz, se ele já entende da necessidade do *kanji* para aprendizagem da língua japonesa, ele se dedica com mais empenho, resultando um desempenho melhor em sala de aula.(P1)

[14] Fazer com que os alunos utilizem os *kanji* o máximo possível para que eles não acabem esquecendo aqueles que já foram aprendidos.(P2)

4.2.3 Livro e material didático

Ambos participantes responderam que os livros escolhidos são adequados para o ensino de *kanji*.

[15] Acho que o livro que trabalho em sala é o mais adequado para eles.(P1)

[16] Cada lição possui *kanji* que fazem referência as palavras que serão ensinadas na lição, isso é muito útil.(P2)

Sobre os materiais didáticos ambos participantes utilizam algum material didático abaixo está a resposta sobre essa pergunta

[17] Sim o livro didático 上級へのとびら de 岡まゆみ.(P1)

[18] Pesquiso a origem dos *kanji* que vou ensinar, inicialmente procuro na internet.(P2)

O P2 não utilizou um livro didático específico para o ensino de *kanji*. Ele utilizou os novos *kanji* encontrados no livro didático *Nihongo Shoho*.

Em relação os livros/fontes bibliográficas que tratam sobre o ensino de *kanji* apenas o P1 soube responder essa pergunta.

[19] "Pelos livros de *kanji* que tive acesso, observei que é basicamente treino de escrita e leitura para efetivar o aprendizado deles.

Alguns livros mostram como podemos observar a formação dos ideogramas, isso pode facilitar a memorização deles, no entanto, sem a prática da escrita e exercícios de leituras de textos, próprios para os nativos, acredito que não podemos atingir o desempenho necessário para entender a língua." (P1)

[20] Agora não me vem nenhum. (P2)

4.2.4 Aula de *kanji*

Sobre a existência de uma disciplina separada para o ensino de *kanji* ambos os participantes foram contras, porquê o aprendizado do *kanji* depende mais da autonomia do aluno do que do ensino do professor, mas o participante P1 complementa falando que para se aprender o *kanji* o estudante precisa ser autodidata.

[21] Acho que não, pois é um estudo mais autônomo do estudante. O estudo deve criar o hábito de estudos diários a fim de crescer nos estudos de *kanji*. (P1)

[22] Não. (P2)

Os dois participantes responderam que o ambiente a universidade pública do Distrito Federal auxilia no ensino do *kanji*, mas o participante P2 cita um instrumento fornecido pela universidade que o auxilia na aula.

[23] Sim, não vejo nenhum obstáculo. (P1)

[24] Sim. Projetor. (P2)

Nesta pergunta os participantes responderam como ser uma aula dinâmica de *kanji*.

[25] Um seminário organizado em grupo para eles apresentarem aos colegas, uma dinâmica de criar exercícios que sejam motivador para estudo individual. (P1)

[26] Jogos como: escreva uma palavra com o *Kanji* "x"; marque os radicais dos *kanji* no quadro e depois faça outros *kanji* com aqueles radicais. (P2)

Sobre a utilização de atividades lúdicas em uma aula de *kanji* ambos os participantes foram a favor, além disso o participante P1 complementa falando que as atividades lúdicas ajudam os alunos a interagirem entre si.

[27] É bastante válido, os aprendizes gostam de interagir com os colegas para desenvolver a aprendizagem. (P1)

[28] Extremamente importantes. (P2)

4.2.5 Idioma usado no ensino do *kanji*

Sobre o idioma utilizado no ensino do *kanji* os dois participantes usam a língua materna (português), mas apenas o participante P2 comentou que nos estudantes mais avançados é possível utilizar o japonês para ensinar o *kanji*.

[29] Na língua materna normalmente, para poder explicar o significado dos ideogramas. (P1)

[30] Português, Para os alunos mais avançados é possível ensinar em japonês pois eles possuem um vocabulário mais extenso em japonês. (P2)

4.2.6 Novas tecnologias

Em relação às novas tecnologias utilizadas no ensino do *kanji* apenas o P2 soube responder essa pergunta, provavelmente pelo fato do P2 ser um pouco mais novo com o P1 e por isso ter um pouco mais de contato e ser um pouco mais familiarizado com as novas tecnologias.

[31] Não conheço essas ferramentas que possam ajudar a aprendizagem do *kanji*. (P1)

[32] Sim. A internet em sala de aula permite procurar rapidamente informações sobre os *kanji*; gifs mostrando as sequencias de traço. (P2)

Em relação a formas em que as novas tecnologias poderiam ser utilizadas no ensino do *kanji* apenas o P2 soube responder essa pergunta.

[33] Não fiz ainda nenhuma pesquisa para estar a par dessas ferramentas. (P1)

[34] Aumentando o contato do aluno com a língua estudada. (P2)

Com base nas definições de Leffa (1988) de método áudio-lingual e comunicativo é possível notar que esses métodos não são voltados diretamente ao ensino da escrita provavelmente o participante 1 se confundiu no momento de responder os questionários.

5 Conclusão

Este trabalho tratou sobre os métodos de ensino de *kanji*. Neste capítulo será apresentada a conclusão sobre o trabalho como um todo.

Sobre os participantes e as aulas, eles foram escolhidos por darem aulas em disciplinas voltadas à prática do ensino da língua japonesa. Por serem disciplinas voltadas à prática elas precisam ensinar as quatro habilidades (escrita, leitura, fala, compreensão oral). Por ter que ensinar muito conteúdo, o tempo voltado ao ensino do *kanji* acaba sendo muito limitado. Por esse motivo o tempo para a observação das aulas de *kanji* se tornou um pouco limitado. As técnicas identificadas foram duas: o seminário e os slides. Os participantes aparentam satisfeitos com as técnicas usadas, pois eles mantiveram a sua visão inicial das técnicas sobre a sua maneira de ensinar.

Em relação à base bibliográfica, o Brasil possui uma grande carência de trabalhos sobre o ensino da língua japonesa, em especial trabalhos sobre o ensino da escrita japonesa.

Com base nos questionários e nos textos citados neste trabalho é possível concluir a importância do *kanji* na cultura japonesa e principalmente na língua japonesa.

Os métodos utilizados pelos participantes foram diferentes, por isso eles acabaram proporcionando dados distintos, mas a falta de trabalhos voltados ao ensino da escrita japonesa torna um obstáculo aos professores e principalmente aos estudantes do curso de licenciatura.

Outro ponto a se destacar está no ensino do *jouyoukanjihyou* no curso, ou seja, no curso de licenciatura a depender do semestre, no nono semestre na disciplina de Laboratório de Língua Japonesa, é possível que os estudantes não aprendam todos os *kanji* de uso diário, sendo muito prejudicial ao ensino do estudante.

As dificuldades no ensino de *kanji* relatadas pelos participantes no questionário possuem uma relação com a autonomia do estudante e o seu conhecimento prévio, além do quanto esse estudante usa os *kanji* aprendidos em sala para não os esquecer. As dificuldades encontradas pelos autores no

ensino do *kanji* estão em sua diferença com a escrita utilizada no Brasil, principalmente pelo grande número de *kanji* existente, da quantidade de traços e da complexidade dos traços que os *kanji* possuem, e também das múltiplas leituras que a maioria dos *kanji* possuem.

Este trabalho teve como propósito tentar contribuir para que haja uma reflexão sobre a forma como o *kanji* é trabalhado no ensino da língua japonesa como língua estrangeira e tentar fomentar os interesses das pessoas que queiram trabalhar com o ensino do *kanji*. Seria interessante também se houvesse trabalhos sobre métodos de ensino da escrita japonesa em especial o ensino do *kanji*.

Bibliografia

BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010.

CARRAVETTA, L. M. **Métodos e técnicas no ensino do português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CESTARO, S. A. M. Se. **Revista VIDETUR**, São Paulo, n. 6, 1999.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**/John. W. Creswell; tradução Magda Lopes; consultoria; supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Denshi Jisho - Online Japanese Dictionary. Disponível em: <<http://jisho.org/>>. Acesso em 01 de julho de 2011.

DOI, E. T. **Reflexões sobre o emprego da escrita no ensino de japonês** in Estudos Japoneses V. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP 1985, p 5-10.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. São Paulo: UNESP, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Terra e Paz. 2011.

FUKASAWA, L. M.; GIROUX, S. M. **Introdução à gramática da língua japonesa**. 2. ed. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 2001.

LADO, R. **Introdução à linguística aplicada**. Petropolis: Vozes Limitada, 1971.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

Listagem de Fluxo de Habilitação - Dados Completos Curso: 914 - Letras

Opção: 4553 - Língua e Literatura Japonesa :<<https://matriculaweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/fluxo.aspx?cod=4553>>. Acesso em: 01 abril. 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

JOKO, A. T. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua japonesa como língua estrangeira.** In: XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (Alfal 2014), 2014, João Pessoa. Atas do XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2014. p. 3225-3241.

MUKAI, Y. **Wa e Ga: As Partículas Gramaticais da Língua Japonesa.** v. 4. Campinas: Pontes, 2014.

MUKAI, Y. Crenças e necessidades em relação à escrita do japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. **Linguagem & Ensino**, v.17, n.2, p.391-440, 2014.

OGASSAWARA, A. T. **O Ensino da Escrita Japonesa: um estudo terminológico bilíngue (japonês-português).** Brasil, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

OLIVEIRA, A. W. M. **É assim que escrevo: Estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de língua japonesa em formação.** 2013. Brasil, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2013.

SAKURAI, C. **Os japoneses.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SUZUKI, T. A escrita japonesa. in **Estudos Japoneses V.** São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP 1985, p 53-61.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Métodos de ensino de línguas estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades.** v. 7, n. 26, jul.-set., p. 73-88, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Lista de apêndice

Apêndice A - CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Apêndice B - TERMO DE CONSENTIMENTO

Apêndice C - Questionário 1 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

Apêndice D - Questionário 2 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

Apêndice E - ***Youon***

Apêndice F - ***Handakuon***

Apêndice G - ***Dakuon***

Apêndice H - Silabário de *Katakana* – continuação⁹

Apêndice I - Questionário 1 sobre os Métodos de ensino de *kanji* (respondido)

Apêndice J - Questionário 2 sobre os Métodos de ensino de *kanji* (respondido)

Apêndice A



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Ao professor

Sou graduando do curso de Letras e Literatura Japonesa da UnB e venho solicitar permissão para observar as suas aulas por um período de dois meses para coletar dados para minha pesquisa a respeito do ensino e aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira.

Agradeço antecipadamente pela colaboração e disposição.

Brasília, ___ de _____ de 2016.

Pesquisador
Tiago Silva dos Santos

Apêndice B



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
abaixo assinado, li antes de assinar este documento e declaro que concedo ao
Tiago Silva dos Santos o direito de uso dos dados e concordo em participar
voluntariamente da investigação.

Tal autorização envolve a utilização do referido material, no todo ou em
parte, em comunicações, congressos, publicações em livros, periódicos
impressos ou *online* e neste trabalho de conclusão de curso.

Com o intuito de preservar minha identidade será utilizado um
pseudônimo ou um código, conforme um dos princípios éticos da investigação
acadêmica. Afirmo ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do participante

Pesquisador: Tiago Silva dos Santos

Apêndice C



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Questionário 1 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

1- Em qual ano você nasceu?

2- Quantos anos de experiência você tem na docência?

3- Qual ano de sua formação como professor de língua japonesa?

4- Qual método você pretende utilizar em sua aula?

5- Quais as principais dificuldades no ensino de *kanji*?

6- Você utiliza algum material didático quando ensina *kanji*?

7- Qual a importância do ensino de *kanji* no aprendizado do aluno:

(Conforme a escala)

- Muito importante
- Importante
- Médio
- Não é muito importante
- Irrelevante

7.1. Justifique:

8- O ambiente da universidade (inclusive instalações/equipamentos) lhe auxilia no ensino de *kanji*? _____

Se não, especifique:

9- Dê a sua opinião sobre os livros/fontes bibliográficas que tratam sobre o ensino de *kanji*?

10- Qual a sua opinião sobre utilizar o *shodo* numa aula de *kanji*?

11- Em qual idioma você ensina o *kanji*? Por quê?

Apêndice D



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Questionário 2 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

1- Durante o semestre você utilizou mais de um método? Qual?

2- Avalie a eficácia de seus métodos no ensino de *kanji*:

(Conforme a escala)

- Muito eficaz
- Eficaz
- Indiferente
- Não eficaz
- Não sei dizer

3- Qual método você gostaria de ter usado, mas não usou? Justifique:

4- Você acha que deveria existir uma disciplina separada para o ensino de *kanji*?

5- Como seria uma aula dinâmica de *kanji*?

6- Qual a sua opinião sobre o livro utilizado em aula?

7- As novas tecnologias ajudariam no ensino de *kanji*?

7.1. Se sim, quais são novas tecnologias? _____

7.2. Como as novas tecnologias poderiam ser utilizadas no ensino?

Apêndice E

Dakuon

Dakuon Katakana

<i>BA</i>	<i>DA</i>	<i>ZA</i>	<i>GA</i>	
<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	
バ	ダ	ザ	ガ	A
<i>ba</i>	<i>da</i>	<i>za</i>	<i>ga</i>	<i>dan</i>
ビ	ヂ	ジ	ギ	I
<i>bi</i>	<i>ji</i>	<i>ji</i>	<i>gi</i>	<i>dan</i>
ブ	ヅ	ズ	グ	U
<i>bu</i>	<i>zu</i>	<i>zu</i>	<i>gu</i>	<i>dan</i>
ベ	デ	ゼ	ゲ	E
<i>be</i>	<i>de</i>	<i>ze</i>	<i>ge</i>	<i>dan</i>
ボ	ド	ゾ	ゴ	O
<i>bo</i>	<i>do</i>	<i>zo</i>	<i>go</i>	<i>dan</i>

Dakuon Hiragana

<i>BA</i>	<i>DA</i>	<i>ZA</i>	<i>GA</i>	
<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	<i>gyou</i>	
ば	だ	ざ	が	A
<i>ba</i>	<i>da</i>	<i>za</i>	<i>ga</i>	<i>dan</i>
び	ぢ	じ	ぎ	I
<i>bi</i>	<i>ji</i>	<i>ji</i>	<i>gi</i>	<i>dan</i>
ぶ	づ	ず	ぐ	U
<i>bu</i>	<i>zu</i>	<i>zu</i>	<i>gu</i>	<i>dan</i>
べ	で	ぜ	げ	E
<i>be</i>	<i>de</i>	<i>ze</i>	<i>ge</i>	<i>dan</i>
ぼ	ど	ぞ	ご	O
<i>bo</i>	<i>do</i>	<i>zo</i>	<i>go</i>	<i>dan</i>

Apêndice F

Handakuon

Handakuon Katakana

<i>PA</i> <i>gyou</i>	
パ <i>pa</i>	<i>A</i> <i>dan</i>
ピ <i>pi</i>	<i>I</i> <i>dan</i>
プ <i>pu</i>	<i>U</i> <i>dan</i>
ペ <i>pe</i>	<i>E</i> <i>dan</i>
ポ <i>po</i>	<i>O</i> <i>dan</i>

Handakuon Hiragana

<i>PA</i> <i>gyou</i>	
ぱ <i>pa</i>	<i>A</i> <i>dan</i>
ぴ <i>pi</i>	<i>I</i> <i>dan</i>
ぷ <i>pu</i>	<i>U</i> <i>dan</i>
ぺ <i>pe</i>	<i>E</i> <i>dan</i>
ぽ <i>po</i>	<i>O</i> <i>dan</i>

Apêndice G

Youon

Youon Katakana

RA <i>gyou</i>	MA <i>gyou</i>	BA <i>gyou</i>	PA <i>gyou</i>	HA <i>gyou</i>	NA <i>gyou</i>	JA <i>gyou</i>	CHA <i>gyou</i>	JA <i>gyou</i>	SHA <i>gyou</i>	GA <i>gyou</i>	KA <i>gyou</i>	
リ	ミ	ビ	ピ	ヒ	ニ	ヂ	チ	ジ	シ	ギ	キ	YA
ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	ヤ	dan
リ	ミ	ビ	ピ	ヒ	ニ	ヂ	チ	ジ	シ	ギ	キ	YU
ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	ユ	dan
リ	ミ	ビ	ピ	ヒ	ニ	ヂ	チ	ジ	チ	ギ	キ	YO
ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	ヨ	dan

Youon Hiragana

RA <i>gyou</i>	MA <i>gyou</i>	BA <i>gyou</i>	PA <i>gyou</i>	HA <i>gyou</i>	NA <i>gyou</i>	JA <i>gyou</i>	CHA <i>gyou</i>	JA <i>gyou</i>	SHA <i>gyou</i>	GA <i>gyou</i>	KA <i>gyou</i>	
りや	みや	びや	ぴや	ひや	にや	ぢや	ちや	じや	しや	ぎや	きや	YA
												dan
りゆ	みゆ	びゆ	ぴゆ	ひゆ	にゆ	ぢゆ	ちゆ	じゆ	しゆ	ぎゆ	きゆ	YU
												dan
りよ	みよ	びよ	ぴよ	ひよ	によ	ぢよ	ちよ	じよ	しよ	ぎよ	きよ	YO
												dan

Apêndice H

Silabário de *Katakana* - continuação

	イイ <i>yi</i>		イエ <i>ye</i>				
ヴァ <i>va</i>	ヴィ <i>vi</i>	ヴ <i>vu</i>	ヴェ <i>ve</i>	ヴォ <i>vo</i>	ヴァ <i>vya</i>	ヴュ <i>vyu</i>	ヴォ <i>vyo</i>
			シェ <i>she</i>				
			ジェ <i>je</i>				
			チェ <i>che</i>				
(スワ) スア <i>swa</i>	スイ <i>si</i>	スウ <i>swu</i>	スエ <i>swe</i>	スオ <i>swo</i>	スヤ <i>sya</i>	スュ <i>syu</i>	スョ <i>syo</i>
(ズワ) ズア <i>zwa</i>	ズイ <i>zi</i>	ズウ <i>zwu</i>	ズエ <i>zwe</i>	ズオ <i>zwo</i>	ズヤ <i>zya</i>	ズュ <i>zyu</i>	ズョ <i>zyo</i>
ツア <i>tsa</i>	ツイ <i>tsi</i>		ツエ <i>tse</i>	ツオ <i>tso</i>			
テア <i>tha</i>	テイ <i>ti</i>	テウ <i>thu</i>	テエ <i>tye</i>	テオ <i>tho</i>	テヤ <i>tya</i>	テュ <i>tyu</i>	テョ <i>tyo</i>
デア <i>dha</i>	デイ <i>di</i>	デウ <i>dhu</i>	デエ <i>dye</i>	デオ <i>dho</i>	デヤ <i>dya</i>	デュ <i>dyu</i>	デョ <i>dyo</i>
(トワ) トア <i>twa</i>	トイ <i>twi</i>	トウ <i>tu</i>	トエ <i>twe</i>	トオ <i>two</i>			
(ドワ) ドア <i>dwa</i>	ドイ <i>dwi</i>	ドウ <i>du</i>	ドエ <i>dwe</i>	ドオ <i>dwo</i>			
ファ <i>fa</i>	フィ <i>fi</i>	ホウ <i>hu</i>	フェ <i>fe</i>	フォ <i>fo</i>	ファ <i>fya</i>	フュ <i>fyu</i>	フョ <i>fyo</i>
		リイ <i>ryi</i>	リエ <i>rye</i>				
ウア <i>wa</i>	ウィ <i>wi</i>	ウウ <i>wu</i>	ウエ <i>we</i>	ウオ <i>wo</i>	ウヤ <i>wya</i>	ウュ <i>wyu</i>	ウョ <i>wyo</i>
クア <i>kwa</i>	クイ <i>kwi</i>	クウ <i>kwu</i>	クエ <i>kwe</i>	クオ <i>kwo</i>			
グア <i>gwa</i>	グイ <i>gwi</i>	グウ <i>gwu</i>	グエ <i>gwe</i>	グオ <i>gwo</i>			
(ムワ) ムア <i>mwa</i>	ムイ <i>mwi</i>	ムウ <i>mwu</i>	ムエ <i>mwe</i>	ムオ <i>mwo</i>			

Apêndice I



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Questionário 1 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

1- Em qual ano você nasceu?

1979.(P1)

1988.(P2)

2- Quantos anos de experiência você tem na docência?

em torno de 10 anos.(P1)

5 anos.(P2)

3- Qual ano de sua formação como professor de língua japonesa?

2004.(P1)

2015.(P2)

4- Qual método você pretende utilizar em sua aula?

Isso depende muito do objetivo da aula, se a aula é com objetivo de entender as estruturas trabalho com a método áudio-lingual.(P1)

Expositivo.(P2)

5- Quais as principais dificuldades no ensino de *kanji*?

Acho que depende muito do aprendiz, se ele já entende da necessidade do *kanji* para aprendizagem da língua japonesa, ele se dedica com mais empenho, resultando um desempenho melhor em sala de aula.(P1)

Fazer com que os alunos utilizem os *kanji* o máximo possível para que eles não acabem esquecendo aqueles que já foram aprendidos.(P2)

6- Você utiliza algum material didático quando ensina *kanji*?

Sim o livro didático 上級へのとびら de 岡まゆみ.(P1)

Pesquiso a origem dos *kanji* que vou ensinar, inicialmente procuro na internet.(P2)

7- Qual a importância do ensino de *kanji* no aprendizado do aluno:

Muito importante.(P1)

Muito importante.(P2)

7.1. Justifique:

Acho que aprender kanji é também aprender a ler os textos em japonês, textos em geral, textos orais e escritos. É entender a língua, além de aprender a se expressar e a pensar na língua japonesa.(P1)

Não é possível compreender bem a língua japonesa sem entender kanji.(P2)

8- O ambiente da universidade (inclusive instalações/equipamentos) lhe auxilia no ensino de *kanji*?

Sim, não vejo nenhum obstáculo.(P1)

Sim. Projetor.(P2)

Se não, especifique:

9- Dê a sua opinião sobre os livros/fontes bibliográficas que tratam sobre o ensino de *kanji*?

"Pelos livros de kanji que tive acesso, observei que é basicamente treino de escrita e leitura para efetivar o aprendizado deles.

Alguns livros mostram como podemos observar a formação dos ideogramas, isso pode facilitar a memorização deles, no entanto, sem a prática da escrita e exercícios de leituras de textos, próprios para os nativos, acredito que não podemos atingir o desempenho necessário para entender a língua." .(P1)

Agora não me vem nenhum.(P2)

10- Qual a sua opinião sobre utilizar o *shodo* numa aula de *kanji*?

É bastante válido, os aprendizes gostam de interagir com os colegas para desenvolver a aprendizagem.(P1)

Extremamente importantes.(P2)

11- Em qual idioma você ensina o *kanji*? Por quê?

Na língua materna normalmente, para poder explicar o significado dos ideogramas.(P1)

Português, Para os alunos mais avançados é possível ensinar em japonês pois eles possuem um vocabulário mais extenso em japonês.(P2)

Apêndice J



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Questionário 2 sobre os Métodos de ensino de *kanji*

1- Durante o semestre você utilizou mais de um método? Qual?

Sim, o método áudio-lingual, método comunicativa.(P1)

Sim. Expositivo, ensinando o radical e significado do kanji. E expositivo, dando exemplos de palavras feitas com aquele kanji.(P2)

2- Avalie a eficácia de seus métodos no ensino de kanji:

Não sei dizer.(P1)

Eficaz.(P2)

3- Qual método você gostaria de ter usado, mas não usou? Justifique:

Ainda não conheço muitos métodos no ensino de kanji.(P1)

Ensinar todos os kanji mostrando sua origem. Mas existem muitos kanji que a sua origem não é muito clara acaba não fazendo sentido para o aluno.(P2)

4- Você acha que deveria existir uma disciplina separada para o ensino de *kanji*?

acho que não, pois é um estudo mais autônomo do estudante. O estudo deve criar o hábito de estudos diários a fim de crescer nos estudos de kanji.(P1)

Não.(P2)

5- Como seria uma aula dinâmica de kanji?

Um seminário organizado em grupo para eles apresentarem aos colegas, uma dinâmica de criar exercícios que sejam motivador para estudo individual.(P1)

Jogos como: escreva uma palavra com o Kanji "x"; marque os radicais dos kanji no quadro e depois faça outros kanji com aqueles radicais.(P2)

6- Qual a sua opinião sobre o livro utilizado em aula?

Acho que o livro que trabalho em sala é o mais adequado para eles.(P1)

Cada lição possui kanji que fazem referencia as palavras que serão ensinadas na lição, isso é muito útil.(P2)

7- As novas tecnologias ajudariam no ensino de *kanji*?

7.1. Se sim, quais são novas tecnologias?

Não conheço essas ferramentas que possam ajudar a aprendizagem do kanji.(P1)

Sim. A internet em sala de aula permite procurar rapidamente informações sobre os kanji; gifs mostrando as sequencias de traço.(P2)

7.2. Como as novas tecnologias poderiam ser utilizadas no ensino?

Não fiz ainda nenhuma pesquisa para estar a par dessas ferramentas.(P1)

Aumentando o contato do aluno com a lingua estudada.(P2)